

A LINGUAGEM ORAL EM QUISSAMÃ

Carmen Elena das Chagas (IFRJ)
carmen.chagas@ifrj.edu.br

RESUMO

Este artigo visa o resgate de um trabalho monográfico de Especialização, escrito no ano de 1992, ainda, nos moldes da escrita datilográfica, que analisa a linguagem oral dos falantes nativos do município de Quissamã-RJ. Este estudo se faz relevante, hoje, pois a originalidade apresentada para a época em que foi elaborado é de caráter único, pois foi o primeiro escrito sobre essa temática. Pretende-se, assim, inseri-lo no meio acadêmico de forma digital, visto que foi pré-requisito para conclusão do grau de Especialista em Língua Portuguesa Contemporânea da Faculdade de Letras, Filosofia e Ciência de Macaé (FAFIMA). Nesse sentido, busca-se retomar um material importante para Quissamã, no momento em que ainda não foi divulgado e nem publicado, para que possa ser utilizado como fonte de referência sobre a linguagem oral do município e que, dessa forma, fique à disposição dos pesquisadores da área e dos munícipes.

Palavras-chave:

Quissamã. Resgate. Linguagem oral.

ABSTRACT

This article aims to rescue a specialization monographic work, written in 1992, still, in the mold of typewriting, which analyzes the oral language of native speakers in the city of Quissamã-RJ. This study is relevant today, because the originality presented for the time when it was prepared is of a unique character, since it was the first written about this theme. It is intended therefore, to insert it into the academic environment digitally, since it was a prerequisite for completing the specialist degree in Contemporary Portuguese Language at the Faculty of Letters, Philosophy and Science of Macaé (FAFIMA). In this sense, we seek to retake an important material for Quissamã, at a time when it has not yet been released or publicized, so that it can be used as a reference source on the oral language of the municipality and, thus, be available to area researchers and residents.

Keywords:

Quissamã. Rescue. Oral language.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é examinar algumas estruturas sintáticas retiradas da linguagem oral das pessoas do município de Quissamã-RJ.

Todo o nosso comportamento social está regulado por normas a que devemos obedecer se quisermos ser corretos. O mesmo ocorre com a

linguagem e o que difere um pouco é o fato de suas normas serem mais complexas e coercitivas.

“Nenhuma língua permanece uniforme em todo o seu domínio, e ainda num só local apresenta um sem-número de diferenciação de maior ou menor amplitude.” (CUNHA, 1970, p. 79). Porém, essas variedades não prejudicam a língua ou a consciência daqueles que a utilizam como instrumento de comunicação ou emoção.

Devo revelar que este trabalho é de suma importância à comunidade de Quissamã, já que é o pioneiro no relato de sua linguagem oral. O material examinado proveio de 10 (dez) horas de gravação de conversas casuais, onde pessoas nascidas em Quissamã puderam desenvolver a sua oralidade. Trabalhei com a fala de estudantes, professores, vereadores, donas de casa, locutores e operários, informantes cuja escolaridade fosse de 1º grau e que pudessem dar-me uma amostra mais significativa.

Cabe-me ressaltar que as afirmações que eu fiz no desenrolar da minha dissertação não são específicas de Quissamã, podendo ser encontradas em outras comunidades. Porém, o que é relevante, é o fato de ser uma primeira análise de nossa linguagem. Quando digo nossa, refiro-me à minha linguagem, já que também faço parte dessa comunidade.

Para que este trabalho não se tornasse extenso e complexo, preferi delimitá-lo, apenas, em SINTAXE. Não pretendo retratar todos os aspectos, porém darei ênfase àqueles que encontrar mais evidentes e em maiores proporções no material analisado.

Ao concluir a etapa de gravações, comecei a analisar o material que obtive na pesquisa de campo. Observei a linguagem de cada pessoa, tentando descobrir pontos que me fizessem entender o que é típico do falar de Quissamã.

Desejei saber como eram empregadas as concordâncias nominal e verbal; se os falantes possuíam referências sobre as regências nominal e verbal; qual o critério utilizado na colocação dos pronomes; o emprego do verbo TER e o uso da forma nominal “a gente”.

2. A análise

2.1. Fundamentos da linguagem oral

A língua¹⁶ é renovação, pois expressa a vida. Se ela para, pode-se dizer que ela está morta, porque a história de uma língua é a história de um povo. Como se pode comprovar na afirmação: “Língua e história representam, em síntese, um passado comum de vida, de pensamento, de sentimento, de – em outras palavras: cultura.” (CUNHA, 1970, p. 18)

A língua é um museu, onde se guardam os documentos históricos e culturais. Nela está expresso o modesto papel dos povos que a falaram na vida do mundo.

A linguagem¹⁷ expressa o indivíduo por seu caráter criativo e marca também o meio social em que ele vive. Existe a língua, porque existem indivíduos que pensam, sentem e utilizam a língua na comunicação de seus ideais.

A linguagem é comunicação e tem como finalidade a transmissão de cultura de indivíduo a indivíduo. Cada pessoa fala a sua maneira, cada falante possui uma forma individual de se expressar.

A mesma língua pode ser falada com vários idiomatismos.

O idiomatismo, por sua vez, constitui os hábitos particulares de uma comunidade linguística. É uma soma de disposições e tendências profundas e inconscientes e que, numa população desviam da norma ideal a fala realizada. (NETO, 1970, p. 157)

Nenhuma língua permanece uniforme em seu domínio e muito menos em um local. Ela representa inúmeras diferenciações de maior ou menor amplitude. Estas variedades são geográficas, sociais e individuais, já que o indivíduo procura utilizar o sistema idiomático da melhor forma que acha. Com essas diferenciações não há prejuízo na unidade da língua, o que existe é a comunicação.

Nessa comunicação existe algo comum para o emissor e o receptor que lhes facilita a compreensão. Este elemento é a norma linguística que ambos adquirem da comunidade.

¹⁶ “Sistema de sons vocais por que se processa numa comunidade humana o uso da linguagem.” (CÂMARA JR., 1968, p. 223)

¹⁷ “Faculdade que tem o homem de exprimir seus estados mentais por meio de um sistema de sons vocais chamado Língua.” (CÂMARA JR., 1968, p. 225)

Não existe o correto e o incorreto. Existe o falar das pessoas que é tão legítimo como o de qualquer autoridade da língua. A visão de correto e incorreto aumenta a diferença social entre os indivíduos. A língua, desta maneira, torna-se antidemocrática e um elemento de discriminação social.

Dentro de uma determinada língua, deve-se procurar o agente. Este agente, na verdade, é o Homem como personalidade isolada ou junto a outros na comunidade. Não importa o grau de cultura que o agente possua, mas o papel que exerce na comunicação. Assim, as palavras só têm história, porque os indivíduos de uma sociedade as repetem. “Não há, na realidade, história de palavras, senão história dos homens” (NETO, 1970, p. 48).

A aprendizagem de uma língua está condicionada ao ambiente social a que o indivíduo pertence. São suas condições sociais que direcionam as normas determinantes à sua comunicação. O Brasil iniciou pela organização rural. A classe que se firmou no padrão econômico do país era de caráter aristocrático e oriunda do mundo rural. Ela vinha de engenhos, das fazendas e impunha às sedes administrativas as normas de vida, onde revelava o retrato de uma determinada cultura. Para que houvesse uma modificação neste retrato, era necessário um espírito inovador e crítico no pensamento e na cultura.

A língua é um organismo que deve se desenvolver sem travas para o alcance de sua plenitude de vida. Porém, associada à ideia de que o povo tem o poder criador, está a interferência da força repressiva do setor culto que pode ser considerado como elemento perturbador desta relação.

A vida social proporciona uma série de contatos e interações. Por esse ângulo, ela é a soma da atividade dos indivíduos e reflete o domínio psicológico de uns sobre outros. É esse domínio que identifica socialmente as pessoas. Todo indivíduo é portador de uma linguagem transmitida¹⁸. Junto a essa linguagem, surge a linguagem adquirida que a criança vai buscar no ensino escolar, onde ela entra em contato com a norma linguística que as gerações anteriores consideram como culta e clássica.

A norma é instável, pois está presa à estrutura político-social e pode mudar no curso do tempo se o indivíduo mudar de grupo social. A

¹⁸ “É puramente oral, é a única que possuem os analfabetos.” (NETO, 1970, p. 491)

fala é a imagem de uma norma e varia de falante para falante. Isso ocorre porque muitos fatores contribuem para essa modificação. Fatores como estados psíquicos, ascensão social ou situações novas. Dessa forma, a fala constitui mais uma diferença do que uma semelhança da língua, já que a fala é individual e forma “flashes” de uma determinada língua.

O que caracteriza o falar são as divergências com a língua comum e a consciência que une os membros de uma comunidade e os distingue das comunidades vizinhas, formando um feixe de traços distintivos.

Não há talvez o falar que não possua traços comuns a outros, porém o que dá fisionomia própria a cada um é o conjunto de característica que apresenta e que nenhum outro reproduz totalmente.

Dessa forma, é uma ilusão acreditar que a linguagem possa um dia parar, já que a linguagem é a imagem e a voz de um povo.

2.2. A análise de dados

A linguagem oral é aquela transmitida por uma coletividade¹⁹, tornando assim uma língua viva, passível a certos desvios da norma culta. Dessa forma, é relevante o conceito de erro na linguagem oral, já que o importante é o desejo de expressar o falar legítimo de cada indivíduo. Falar correto significa o falar que a comunidade espera, o “erro” em linguagem equivale a desvios desta norma, com relação alguma com o valor interno das palavras ou das formas (CUNHA, 1970, p. 39).

Vejamos algumas características encontradas na estrutura sintática dos falantes da comunidade de Quissamã.

2.2.1. Concordância Nominal

2.2.1.1. Concordância Nominal – Número

Pude observar, constantemente, no falar das pessoas de Quissamã, uma ausência da marca de plural (S) nas palavras. Notei que elas utilizam esta marca apenas em um dos determinantes (artigo, pronome ou numeral), esquecendo-se de utilizá-la novamente nos termos determinados (substantivos). Porém, com relação ao adjetivo, esse tipo de afirma-

¹⁹ “Comunidade, sociedade” (DICIONÁRIO GLOBO, 1970).

ção poderá ocorrer ou não. No decorrer da análise isso será explicitado melhor.

Dos casos de concordância nominal analisados, pude perceber 62 % tinham a ausência da marca de plural. Vejamos os exemplos:

*Artigo + Substantivo

– “mas tinha aí **as discotecas...**”

– “A gente tem **umas vaca...**”

*Pronome + Substantivo

– “Eu cumpria com **meus dever.**”

– “**Muitas casa** que não tinha ...”

*Numeral + Substantivo

– “...pra comprar **três arroba...**”

– “Está em Quissamã há **16 anos.**”

O quadro a seguir mostra o número dos casos e sua distribuição em corretos e desvios.

Quadro 1: Concordância Nominal – Número.

	CORRETOS	DESVIOS
ARTIGO + SUBSTANTIVO	10 = 13 %	21 = 27 %
PRONOME + SUBSTANTIVO	08 = 10 %	10 = 13 %
NUMERAL + SUBSTANTIVO	02 = 02 %	05 = 06 %
ADJETIVO + SUBSTANTIVO	08 = 10 %	06 = 08 %
ADJETIVO DISTANTE	03 = 03 %	06 = 08 %
TOTAL = 79	31 = 38 %	48 = 62 %

Através do quadro e do gráfico, pode-se comprovar a afirmação feita sobre os determinantes e esclarecer, também, o uso do adjetivo. Se o adjetivo vier distante da palavra a que se refere, a concordância é bem menor. Porém, se o adjetivo vier próximo à palavra a que pertence, a concordância se faz presente. Exemplos:

*Adjetivo + Substantivo ou vice-versa

– “... tem **boa ruas.**”

– “... tão deixando seus **animais soltos** ...”

*Adjetivo distante

– “... que os **jovens** se mantenham **distante** de tudo.”

– “... os **tipos** de ... **difícil**.”

A ausência da desinência (**S**) era atribuída à tendência dos falares rurais, sendo observada na maioria dos dialetos brasileiros. Porém, cabe-me ressaltar que a mesma está sendo estendida, atualmente, aos centros urbanos em grande proporção.

O falar rural caracteriza-se por ser conservador, pois há uma passividade receptiva por parte dos falantes, já que a língua é transmitida a todos, não existindo uma crítica ao que foi transmitido. Há uma passividade à medida que não se questiona a maneira como se utiliza a linguagem. Apenas, há a repetição do que foi passado por pessoas mais antigas. Nesta transmissão, há sempre perda nas normas-padrão da língua. Ao repetir, os indivíduos não se preocupam em falar exatamente em função destas normas, apenas necessitam transmitir suas mensagens. Estas inflexões ou desvios às normas-padrão devem-se à flexibilidade da oralidade.

Portanto, a ausência da desinência de número (**S**) ocorre devido ao falante associar a ideia de que a marca de plural já ficara expressa nos determinantes, não precisando assim repeti-la nos termos determinados. Isto acontece também porque a linguagem oral é rápida e intensa. As palavras são pronunciadas com maior entonação no início e, no final, a voz abaixa, omitindo-se o (**S**).

2.2.1.2. Concordância Nominal – Gênero – Adjetivo

O que percebi nos falantes de Quissamã quanto à concordância do adjetivo em gênero é que de acordo com a posição em que ele ocupa na frase, torna-se difícil a sua concordância. O adjetivo não concorda, muitas vezes, com o termo a que se refere, quando ocupa a função de adjunto adnominal²⁰, se este vier antes da palavra determinada. Para melhor análise, os adjetivos foram divididos em dois blocos de acordo com a sua posição. Exemplos:

*Adjetivo Posposto: dos casos encontrados, 96 % estavam corretos.

²⁰ “É o termo de valor adjetivo que serve para especificar ou delimitar o significado d um substantivo, qualquer que seja a função destes.” (CUNHA, 1985, p. 491)

- “Na **sessão passada** quando ...”
- “...qualquer **dúvida jurídica** que ...”

*Adjetivo Anteposto: dos casos encontrados, 62 % estavam com desvios.

- “Acho bem **merecedor** esta **classificação**.”
- “... numa **mau posição**...”

Observe o quadro:

Quadro 2: Concordância Nominal – Gênero.

	ADJETIVO POSPOSTO	ADJETIVO ANTEPOSTO
CORRETOS	86 – 95 %	05 – 38 %
DESVIOS	04 – 05 %	08 -62 %
TOTAL	90 – 100 %	13 – 100 %

Nota-se que o problema refere-se ao adjetivo anteposto. Quando este vem antecedendo o substantivo, a concordância acontece em menor proporção. Porém, se vier pospondo o substantivo, sua concordância é quase que perfeita.

2.2.2. Concordância Verbal

Quanto à concordância verbal, ocorrem quatro casos distintos na linguagem oral de Quissamã. Os casos dispõem-se da seguinte maneira:

*1º Caso: Sujeito Anteposto – Se o sujeito vem antes do verbo, este concorda com o sujeito. Exemplos:

- “Nós resolvemos fazer ...”
- “Todos sabem que a base ...”

*2º Caso: sujeito Posposto Plural – Quando o sujeito plural vem depois do verbo, este permanece no singular²¹. Exemplos:

- “... que seja colocada placas de sinalização.”
- “Existe também ... constantes quedas de luz.”

²¹ Já existem estudos anteriores, onde autores defendem este tipo de afirmação sobre o sujeito posposto plural. (PONTES, 1986; 1987)

*3º Caso: Sujeito Plural Distante – Se o sujeito plural vem distante do verbo, a concordância se faz rara. Exemplos:

– “Muitas pessoas não ... porque veio aqui e não sabe ...”

– “Eles se distraem, ... vai pra quadra, vai lá fora...”

*4º Caso: Concordância ideológica – É aquela em que a concordância se faz com o sentido e não com a forma gramatical. Exemplos:

– “Todo mundo ... fazeremos a brincadeira.”

– “... o grupo de trabalho fizeram.”

De acordo com a classificação dos casos, observe o quadro 3:

Quadro 3 – Concordância Verbal

	Corretos	Desvios
Sujeito Anteposto	122 – 63 %	
Sujeito Posposto	03 – 1,5 %	
Sujeito Distante	03 – 1,5 %	
Concordância ideológica	08 – 4 %	0 – 0%

O que se percebe no quadro, é que de acordo com a gramática normativa, apenas, dois casos adaptam-se bem. Primeiro, o sujeito anteposto não ocasiona problema quanto ao seu emprego; segundo, o sujeito ideológico também é permitido através do seu sentido.

Nota-se, também, que o emprego do sujeito plural posposto com verbo no singular, embora a gramática normativa não o aprove, está se aumentando em larga escala. O que, realmente, os falantes estão procurando é a redução das regras de concordância verbal da gramática normativa, onde facilitará a linguagem e a comunicação.

2.2.3. Regência Nominal

A regência constitui um problema seríssimo à linguagem escrita. Em relação à linguagem oral, o problema torna-se muito mais complexo. As normas-padrão das regências nominal e verbal são quase que desconhecidas das pessoas.

Quanto à regência nominal, acredito que existe uma falta de informação das normas gramaticais por parte dos falantes da comunidade

de Quissamã, como também, existe em outras comunidades. Esses falantes empregam a regência de acordo com a gramática interna que indivíduo nativo tem de sua língua materna. “Cada falante é dotado de um conhecimento intuitivo que lhe permite expressar-se em sua língua materna. A esta capacidade inata do falante de qualquer língua é que se dá o nome de competência.” (OLÍVIA; SILVEIRA, 1977, p. 17-18). Exemplos:

- “... tenho **certeza** (0) que vão ficar...” (AUSÊNCIA)
- “... Existe acordo nenhum **entre eu** e ele.”²² (TROCA)

2.2.4. Regência verbal

No emprego da regência verbal, há uma ausência, troca ou excesso dessa característica. Isso acontece porque não há um critério satisfatório na informação deste aspecto. Devido à variabilidade na regência de alguns verbos, torna-se difícil que os falantes reconheçam e guardem todas as regras necessárias à sua boa construção linguística. Exemplos:

- “Eu **gostaria** (0) que o Sr., esclarecesse ...” (AUSÊNCIA)
- “Eu **lembrei** no caso lá ...” (EXCESSO)
- “**Vai** pra quadra...” (TROCA)

Para maior esclarecimento, veja o quadro:

Quadro 4: Regência.

	Ausência	Troca	Excesso
Nominal	05 – 20 %	05 – 20 %	0- 0%
Verbal	06 – 24 %	05 – 20 %	04 – 16 %

Quando se trata de regência verbal, observa-se que a ausência da preposição é marcante. Seguindo gradativamente da troca ou excesso da mesma. Já na regência nominal, há um equilíbrio entre os primeiros itens (ausência e troca) e omissão do último (excesso).

²² Luft admite a construção, onde o verbo IR regido pela preposição PARA. (LUFT, 1989, p. 125)

É importante notar que há um desvio da norma culta, porém não há um desequilíbrio no entendimento da mensagem, A essência da linguagem permanece inteligível, reforçando a elasticidade da linguagem oral.

2.2.5. *Emprego de pronomes átonos*

Observei quanto à colocação do pronome átono que a tendência dos falantes é empregá-la de forma proclítica (pronome antecedendo o verbo). Segundo Câmara Jr., isso ocorre devido a um fator fonético.

Quero falar da intensificação da primeira consoante do vocábulo fonético, que nele funciona como um corte da cadeia falada. Uma tal intensificação serve para pôr em realce a partícula nominal átona proclítica no vocábulo fonético verbal. A ênclise, ao contrário, enfraquece o relevo fonético da partícula. (CÂMARA JR., 1975, p. 50-1)

Vejamos o quadro abaixo:

Quadro 5: Uso dos pronomes.

	Corretos	Desvios
Próclise	35 – 51 %	10 -15 %
Ênclise	05 – 7 %	01 – 1 %
Mesóclise	0 – 0 %	0 – 0 %
Tônico	14 – 20 %	
Reto	04 – 6 %	
Total	69 – 100 %	

Através do quadro 5, nota-se que o predomínio da próclise é notável. Dos pronomes empregados, 66 % foram com esse tipo de construção, sendo que 51 % estavam empregados corretamente e, apenas, 15 % com uso em desvio.

*Exemplos das próclises sem desvios.

- “Já **se** comprometeu comigo...”
- “Eu **a** respeitarei.”

*Exemplos de próclises com desvios.

- “Ali de início, **me** magoou...”
- “**Me** prometeu...”

A ênclise (pronome depois do verbo), quando usada, há uma preocupação em empregá-la de forma correta, já que de 8 % dos casos, 7 % são corretos.

*Exemplos de ênclises sem desvios.

- “Eu gostaria muito de tê-**lo** em nosso conjunto.”
- “Tornou-**se** uma cidade.”

Ao fazer referência à mesóclise (pronome intercalado ao verbo), cabe-me ressaltar que não houve casa de emprego.

É interessante observar que, em relação ao emprego do pronome, a forma oblíqua tônica aparece em 20 % dos casos, ocupando, assim, a 2ª colocação como podemos observar no quadro 5.

*Exemplos de pronomes oblíquos tônicos:

- “Se nós não quisermos dar para **eles** ...”
- “dar a sua experiência para **nós**.”

Percebe-se que, quando os falantes não estão utilizando a forma átona, é porque empregaram em seu lugar um pronome oblíquo tônico ou, raramente, um pronome pessoal reto. Este último não pode ser empregado na função de um átono. Quando isso ocorre, ele está de forma inadequada.

*Exemplos de pronomes pessoais retos:

- “A gente espera **eles**.”
- “... deixei **ele** lá dormindo...”

Dessa forma, a praticidade da linguagem oral faz com que existam vários desvios na norma tida como verdadeira e imutável²³.

2.2.6. Verbo TER = HAVER e EXISTIR

O verbo TER não é classificado como impessoal²⁴, porém muitas

²³ Na verdade, a norma pode ser mutável. “A norma é instável, prende-se intimamente à estrutura político-social e pode mudar no curso do tempo.” (NETO, 1970, 157)

²⁴ “São aqueles que não se referem a qualquer sujeito implícito ou explícito. São utilizados sempre na 3ª. pessoa do singular.” (FARACO; MOURA, 1987, p. 229)

pessoas preferem empregá-los assim. Exemplos:

- “Agora, também **tem** um detalhe...”
- “... avisando que **tem** quebra-mola a 100 m...”

Nota-se através dos exemplos que há uma substituição do verbo HAVER e do EXISTIR pelo verbo TER, mesmo que a língua padrão não permita essa construção. Essa substituição vem ocorrendo desde o movimento modernista²⁵, já que nesse período foi muito importante a integração cultural e nacionalista desse movimento.

O quadro abaixo retrata o assunto:

Quadro 6: Verbos.

TER	68 - 73 %
EXISTIR	19 - 20,5 %
HAVER	06 - 6,5 %
TOTAL	93 - 100 %

Outro fator que pode ter contribuído para o uso do verbo TER no lugar de HAVER e EXISTIR é a origem latina desses verbos. “*HABERE*” significa TER, POSSUIR, HAVER no sentido de existência. Mesmo que os falantes não tenham consciência dessa procedência, a semelhança semântica (sentido) presente na sua gramática internalizada permite que seu uso seja aceito, embora sintaticamente (estrutura) não seja permitido.

2.2.7. *Uso da forma nominal “A gente”*

O que vem se tornando uma característica comum na linguagem oral de Quissamã é o constante uso da forma nominal “**A gente**”. Essa forma está substituindo o pronome pessoal (NÓS). Os falantes utilizam-na muito devido à simplicidade de sua construção. A forma “a gente” exige que o verbo fique no singular, portanto a margem de emprego inadequado é menor. Exemplos:

- “**A gente** espera por eles.”
- “**A gente** vai seguir...”

O quadro abaixo reforça essa ideia.

²⁵ “... regava a tomada de consciência da realidade brasileira” (NICOLA, José de. 1990. p. 1999). O Modernismo defendia também a linguagem adaptada aos novos conceitos: simples, direta, coloquial, afrouxando a rigidez gramatical, procurando reproduzir a fala comum de nossa gente.

Quadro 7: Uso do “A gente”.

A GENTE	
Corretos	99 – 99 %
Inadequados	01 – 1 %
Total	100 – 100 %

Essa forma nominal está prevalecendo sobre o pronome pessoal de 1ª pessoa, diminuindo o emprego da desinência verbal (-MOS) em favor de uma linguagem mais simples e acessível a todos.

3. Considerações finais

A linguagem oral reflete a expressão de pessoas cujo saber é tradicional e, muitas vezes, adquirido na dura escola da experiência. Ela é o vínculo que torna possível a compreensão entre os seres humanos, ou seja, é o instrumento de comunicação social que se sobrepõe às variedades locais, permitindo que haja desvios em suas normas. Não podemos considerá-los como erros, mas, apenas, como descuidos que os falantes têm por causa, às vezes, do não conhecimento profundo de nosso código normativo (GRAMÁTICA). Porém, é preciso lembrar que em cada pessoa existe um código linguístico interno que funciona como mola-mestra de sua comunicação.

Ao concluir o trabalho, pude observar que as características pesquisadas, embora sejam encontradas em outras comunidades, constituem, também, o retrato de nossa comunidade.

Através dessa pesquisa foi possível verificar quanto à concordância nominal – número – que há uma omissão da desinência (S) dos termos determinados. Já quanto à concordância – gênero – a concordância faz-se com o adjetivo posposto. Entretanto, na concordância verbal, o sujeito posposto plural possui um grau maior de dificuldade em seu emprego, não estando, assim, de acordo com a norma-padrão.

Em se tratando de regência há, constantemente, uma ausência ou troca desse aspecto. Às vezes, porém, acontece excesso de preposições na regência verbal.

Percebe-se, também, na pesquisa o predomínio do pronome átono usado de forma proclítica ou o emprego do pronome tônico em grande proporção no lugar do pronome átono.

O verbo TER está sendo empregado, continuamente, no lugar dos

verbos Haver e Existir devido à semelhança semântica entre eles.

Finalmente, vale ressaltar que a forma nominal “A GENTE” está tomando rumos específicos, fazendo com que o uso do pronome pessoal de 1ª pessoa vá diminuindo na linguagem oral.

Cabe-me revelar que essas características contribuem para realçar a distância entre a norma culta escrita e a língua falada. O que se deseja é que esse problema sirva como um alerta às pessoas, que se interessam por uma linguagem mais apurada e perto das normas-padrão da língua portuguesa para que tentem reagir em função de um contexto mais crítico e acessível à realidade a que pertencem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon – Editor, 1968.

_____. *Coleção Estante de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

CUNHA, Celso. *Língua Portuguesa e a realidade brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1970. (Temas de todo tempo, v. 13)

_____; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ELIA, Silvio. *Ensaios de filologia e linguística*. 3. ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1976. (Coleção littera 7)

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Mato. *Gramática*. São Paulo: Ática, 1987.

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. *Dicionário Brasileiro Globo*. 15. ed. São Paulo: Globo, 1990.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1977.

LUFT, Celso Pedro. *Novo Manual de Português*. 7. ed. São Paulo: Globo, 1989.

NETO, Serafim da Silva. *História da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1970. (Coleção Brasileira de Filologia Portuguesa)

NICOLA, José de. *Literatura Brasileira das origens aos nossos dias*. São

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Paulo: Scipione, 1990.

OLÍVIA, Madre; SILVEIRA, Regina Célia P. *A gramática portuguesa na pesquisa e no ensino*. São Paulo: Cortez, 1977.

PONTES, Eunice Souza Lima. *O tópico no português no Brasil*. Campinas-SP: Pontes, 1987

_____. *Sujeitos da Sintaxe e do discurso*. São Paulo: Ática, 1986

SILVEIRA, Souza da. *Lições de Português*. 8. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1972.